

Mania de saber: ironia e melancolia em *O alienista*, de Machado de Assis*

Ana Cleide Guedes Moreira e
Manoel Tosta Berlinck

A ironia, como figura do cômico que expressa oposição, isto é, posição contrária ao sabido, ou suposto saber, pode ser ainda uma estrada real para o inconsciente, em certos casos, na interpretação analítica de pacientes melancólicos, bem assim em narrativas de rara beleza, em escritores criativos. A irônica composição do personagem central de O alienista, em Machado de Assis, é tomada aqui como expressão literária da mania de saber.

Palavras-chave: Psicopatologia fundamental, literatura, mania, ironia

* Trabalho apresentado na Mesa-redonda “Ironia e melancolia”, no VI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, em Recife, PE, setembro de 2002.

Tem causado certa sensação em Paris a loucura de que foi acometida a Sra. O'Connell, célebre pintora, que está presentemente recolhida ao hospital dos alienados pobres.

*A Estação: Jornal Ilustrado para a família,
Rio de Janeiro, 29 fev. 1880. Noticiário.*

A literatura que tem se ocupado da análise da obra machadiana é extensa e tem dado conta da extrema fecundidade desse autor brasileiro justamente reputado como um dos grandes da literatura ocidental. Há um crescente e novo interesse nela, desde a discussão desencadeada por Roberto Schwarz para quem, no percurso machadiano, pode identificar-se os paradoxos e impasses da própria modernidade no Brasil (Andrade, 1999). Machado teria liderado, entre nós, a passagem para a modernidade, não apenas por sua obra, como também literalmente, por seu hábito de congregar e reunir em torno de si velhos e novos escritores de nossas letras, um movimento que acabou permitindo a criação da Academia Brasileira de Letras, da qual foi o primeiro presidente.

A fecundidade e a imortalidade que sua obra testemunha não são certamente fortuitas e talvez seja possível demonstrar suas raízes em desejos inconscientes, à maneira freudiana, mas isso exigiria um trabalho de grande fôlego, maior do que aqui pretendido. Trata-se agora de enveredar por esse caminho largo com um objetivo limitado: identificar os elementos que permitam sustentar que a ironia machadiana criou uma forma de nos aproximarmos de um problema nomeado em psicopatologia fundamental como *mania de saber* (Berlinck, 2000). Este trabalho deve ser considerado um esboço de indicação do problema e uma forma aproximativa e claudicante de introdução a ele.

Da vastíssima obra machadiana, escolhemos um texto que tem, justificadamente, despertado maior interesse em nosso campo, o conto *O alienista* (1951). Como se sabe, Machado de Assis publicou poesia, crônica, crítica literária, teatro, traduções, além de romances e contos. Para Fischer (1998), considerando apenas o universo do conto machadiano já se justificaria sua perenidade e, se mais não houvesse feito já seria um clássico da língua portuguesa e da literatura ocidental. E Machado de Assis não publicou senão alguns de seus contos, por ele mesmo selecionados em

número de 76, para sete volumes de livros. Mas sua obra é mais larga, alcançando a cifra de 205 textos, publicados num período de 50 anos, a partir de 1858, tendo sido os demais, ou recolhidos e publicados postumamente, ou tendo permanecido em sua forma de publicação original, em geral, jornais de época, vindos à luz mais recentemente.

Entre os diversos comentadores dessa forma narrativa machadiana, não nos cabendo nenhuma pretensão à crítica literária, não vemos razão para não nos atermos às considerações de Fischer (1998), que oferece em um excelente ensaio uma revisão crítica de que nos serviremos aqui, além de apresentar certos comentários e detalhes sobre *O alienista* que não apenas são úteis para compreendê-lo, como nos permitem apresentar nossa própria análise, em parte discordante daquela ali encontrada. Dialogando criticamente com a literatura, Fischer vai retomar a classificação mais ou menos consensual, segundo a qual se pode considerar que há dois tipos de contos de Machado: de um lado os contos importantes, os maiores, que teriam natureza *psicológica*, de desenho de caracteres individuais ou sociais, ou bem *moral*, de indagação intelectual de tipo filosófico sobre as circunstâncias da época: são os contos que Bosi denominou “*contos-teoria*”, certos textos publicados a partir de *Papéis avulsos* (Machado de Assis, 1951) no qual está contido *O alienista*. De outro lado, temos contos menores, que seriam anteriores à grande virada machadiana na direção da maturidade, em torno dos quarenta anos (Pereira, 1988).

De vez que Fischer propõe uma análise estrutural na qual se encontra destacada a importância do narrador para a compreensão de uma obra literária, vejamos nas palavras de Schwarz, em que consiste esta forma de análise da obra machadiana:

Não custa lembrar a propósito que Dom Casmurro se aparenta por vários lados com o romance policial e a psicanálise, que estavam nascendo. Observe-se que essa leitura a contrapelo, uma exigência escondida mas estrutural do livro, forma entre os traços essenciais da ficção mais avançada do tempo. Como o seu contemporâneo Henry James, Machado inventava *situações narrativas*, ou *narradores postos em situação*: fábulas cujo drama só se completa quando levamos em conta a falta de isenção, a parcialidade ativa do próprio fabulista. Este vê comprometida a sua autoridade, o seu estatuto superior, de exceção, para ser trazido ao universo das demais personagens, como uma delas, com fisionomia individualizada, problemática e sobretudo inconfessável. Não há dúvida quanto ao passo adiante em relação ao objetivismo de realistas e naturalistas: também o árbitro é parte interessada e precisa ser adivinhado como tal. (...) Dramatizado no procedimento narrativo, o antagonismo dos interesses vem ao primeiríssimo plano, onde o seu caráter de relação social conflitiva opera na plenitude, objetivamente, ainda que a crítica não o costume notar. Ao adotar um narrador

unilateral, fazendo dele o eixo da forma literária, Machado se inscrevia entre os romancistas inovadores, além de ficar em linha com os espíritos adiantados da Europa, que sabiam que toda *representação* comporta um elemento de *vontade* ou *interesse*, o dado oculto a examinar, *o indício da crise da civilização burguesa*. (...) Quando, pela primeira vez em nossas letras, com Machado de Assis, a inteligência da forma bem como as idéias modernas comparecem livres de inadequação e diminuição provinciana, já não é dentro do anterior espírito de *missão*. (Schwarz, 1997, p. 12)

Trata-se, nesta análise, de considerar a importância do narrador intervindo no texto como um personagem, dramatizando o antagonismo de relações sociais conflitivas, que Machado torna o eixo de sua particular forma literária, e justamente permite-lhe expressar, na narrativa, a crise da civilização da burguesia sem submeter-se aos valores e interesses dessa classe. Essa intromissão da figura do narrador intervindo na ilusão de verossimilhança da obra literária é considerada a concepção moderna de ironia (Loureiro, 2002).

É neste sentido que, seguindo a análise estrutural da obra, Fischer vai considerar que não se pode falar com rigor em dois grupos de contos, mas propõe que se trata de dois pólos, isto é, dois padrões, sugerindo que entre eles há um número grande de variações, e que esses pólos podem ser diagnosticados a partir da posição e do desempenho do narrador, um dos recursos formais mais salientes e famosos de Machado de Assis. Desses dois pólos, o autor propõe, então, renomear-se o conto *psicológico* como *estético*, entre outras razões, pelo que representam do ânimo de Machado de buscar novas formas para além dos padrões românticos e realistas. No outro pólo, dos contos ditos *morais*, ele propõe chamar de contos *éticos* (Fischer, 1998, p. 160).

O conto em questão

Começamos então a examinar o conto *O alienista*: Simão Bacamarte é apresentado como um filho da nobreza de Itaguaí e médico que retornou à sua terra natal, após concluir seus estudos em Coimbra e Pádua. Essa apresentação é atestada pelas crônicas do lugar, sendo dada grande ênfase que se tratou de uma escolha, uma vez que teve convites para permanecer na própria corte junto ao Rei. Em seguida, é dito que, pretendendo casar-se e ter filhos, escolheu uma mulher por seus dotes para a maternidade, que são descritos caricaturando uma linguagem médica, com o efeito humorístico tipicamente machadiano. Vejamos o trecho:

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita e nem sympáthica.

Um dos tios d'elle, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lh'o. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições physiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha um bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. (Machado de Assis, 1951, p. 10)¹

A importância da escolha de D. Evarista por sua capacidade de gerar filhos encontra-se bem destacada. Ainda no primeiro capítulo, ficamos sabendo que, após convencer-se da impossibilidade da realização do desejo de ter filhos, Simão busca e encontra consolo na ciência, mas, este o ponto importante, resolve dedicar-se ao “exame da pathologia cerebral”. Daí para frente é que acompanharemos a criação da Casa Verde e tudo o que decorre desse novo investimento do personagem machadiano. A ligação entre tornar-se um alienista e a impossibilidade de ter filhos encontra-se estabelecida já nos quarto e quinto parágrafos, como se pode constatar abaixo:

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou trez anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo d'esse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguahy, enviou consultas às universidades italianas e alemans, e acabou por aconselhar à mulher um regimen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguahy, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência – explicável, mas inqualificável – devemos total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o infável dom de curar todas as magoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na pratica da medicina. Foi então que um dos recantos d'esta lhe chamou especial atenção – o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência luzitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros immarcessíveis”, – expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade domestica; exteriormente era modesto, segundo convem aos sabedores.

—A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico. (Machado de Assis, 1951, p. 11)

No trecho acima temos vários elementos que merecem análise. A dedicação integral à ciência visava curar as mágoas, descritas em tom peremptório como a total extinção da dinastia dos Bacamartes. Claramente descrito pela pena

1. Por curiosidade manteve-se a grafia original.

machadiana, o narcisismo de sua majestade o bebê que Simão teria sido um dia, quando recebeu dos pais aquilo que viria a constituir-se um ego ideal, herdeiro do narcisismo deles, sofre uma perda irreparável. A ferida narcísica, para usar a expressão freudiana, exige uma cura e é na ciência que Simão vai buscá-la. Mas em um recanto específico desta, o psíquico, pois o que está lhe sendo demasiadamente penoso diz respeito a uma dor na alma. A imagem de médico ganha então parte desse excesso que se produzira no personagem, e ocupar-se da saúde da alma passa a ser idealizada como a *mais digna* das suas ocupações.

Deste ponto em diante, a narrativa dará conta da história da Casa Verde, na qual o alienista fará sucessivas internações, não apenas de pessoas da cidade de Itaguaí, mas de todas as vilas e povoados vizinhos, até que ao cabo de quatro meses a Casa era uma povoação. O crescimento das internações, que passam a atingir cidadãos estimados na cidade, leva, depois de muitos acontecimentos que não cabem em uma síntese, à rebelião, descrita com claras referências à Revolução Francesa. Há inúmeros trechos em que encontramos descrições do alienista em suas atividades, mas um deles será suficiente para nossos fins:

Uma vez desonerado da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; d'ahi passou às subclasses, monomanias, delírios, allucinações diversas. Isto feito, começou um estudo acurado e continuo; analysava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as sympathias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstancias da revelação mórbida, accidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa, emfim, como a não faria o mais atilado corregedor. (...) Ora, todo esse trabalho levava-lhe o melhor e o mais do tempo. Mal dormia e mal comia; e ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruminava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista. (Machado de Assis, 1951, p. 20-1)

Aí temos uma clara descrição do que aqui estamos tentando nos aproximar: a *mania de saber*. O alienista em febril atividade concentra todos os seus investimentos no objeto de sua pesquisa. Parece não haver sujeitos nessa investigação, não há nenhum interesse pela subjetividade dos seus "pacientes" ou pela sua própria, nenhum diálogo ou encontro entre a pessoa do médico e do paciente é relatada. Há uma atividade de descrição e classificação orientadas pela racionalidade exacerbada do investigador, em que não há lugar para o discurso do paciente. Ao investigador interessa a busca do dado empírico que está sempre fora de si, do lado do observável e classificável.

Nesse trecho, também vimos que jantava sem dizer uma só palavra a D. Evarista o que mais uma vez caracteriza o modo de relação privilegiado que tem com o Outro: também com a esposa não há lugar para emoções, sensibilidade

ou mesmo consideração educada. Mais adiante, quando o vemos diagnosticar como melancólica a esposa, reconhece que seu estado liga-se a algo que vem dele, isto é, que lhe pareça que não a ama, mas sua atitude, no melhor estilo machadiano de crítica às relações capitalistas, é comprar-lhe o remédio oferecendo-lhe uma viagem ao Rio de Janeiro, para o que lhe abre os cofres abarrotados da Casa Verde. Quando ela retorna, a febre de consumo a que ele mesmo a induzira torna-se motivo para interná-la também.

Para Nunes (1993), *O alienista* é a grande paródia da ciência, convertendo a razão da loucura na loucura da razão. Em outro trecho, Bacamarte afirmará:

Suppondo o espirito humano uma vasta concha, o meu fim (...) é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora d'ahi insânia, insânia e só insânia. (Machado de Assis, 1951, p. 31)

Entretanto, a razão como o perfeito equilíbrio de todas as faculdades foi a última teoria do alienista, que acabou por atribuir a loucura somente a si mesmo:

Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades emfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era illusão. (Machado de Assis, 1951, p. 97)

Cartesianamente, Bacamarte duvida de sua conclusão, mas sendo aquela a que chegou depois de vários procedimentos de investigação que assistimos desenvolver ao longo do conto, interna-se na Casa Verde.

O conto original

O conto *O alienista* é publicado de 15 de outubro de 1881 a 15 de março de 1882, em onze edições sucessivas no jornal *A Estação: Jornal Ilustrado para a família*, do Rio de Janeiro. A leitura desse original, consultado na Fundação Biblioteca Nacional, indica que Machado optou pela supressão de trechos extremamente interessantes pois que dão conta de um narrador virulento, que descreve no último parágrafo o melancólico fim de Simão Bacamarte que desaparece sem deixar o menor vestígio. É neste ponto que discordamos de Fischer (1998), quando afirma que, a rigor, não há relevo maior na presença do narrador, em *O alienista*, para além da alegação da veracidade que atribui à citação das crônicas da cidade.

No conto original publicado como folhetim, os “cronistas”, portanto, o narrador, aparece ironicamente conferindo não apenas veracidade, como quer Fischer, mas também extrema mordacidade aos comentários. Ali encontram-se intervenções do narrador ao molde das que Schwarz destaca como originais e tipicamente machadianas. Vejamos abaixo o trecho como foi publicado em 1882 (os trechos suprimidos no livro seguem em itálico):

Mas o illustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos á saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e a cura de si mesmo. Dizem os chronistas que ele morreu dali a dezesete mezes, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada.

Não foi por falta de livros; folheava-os dia e noite, uns in-4º, outros in-folio, em muitas línguas. Morreu, emfim, de uma erysipela no ventre.

Este trecho, excluído do livro, dá conta da inutilidade do saber ilustrado, publicado em muitas línguas, nenhuma suficiente para garantir-lhe o saber que buscava fora de si, maniacamente buscando triunfar sobre o objeto, sem se dar conta que buscava compreender aquilo que o atravessava, estrangeiro de si mesmo, inflingindo-lhe uma ferida insuportável ao narcisismo, e que nele não encontrou linguagem. E ele morre de uma ferida no ventre, o lugar de onde vêm os bêbes, a resposta que buscam as crianças em seu desejo de saber, raiz de toda curiosidade científica, dizendo freudianamente.

Alguns *chronistas* chegam no ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguahy, mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; o boato duvidoso, pois é attribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, effetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.

[Neste ponto encerra-se o conto publicado em livro, mas no original do jornal encontra-se o que segue]:

“O cadáver foi sepultado na capela da Casa Verde, infelizmente sem epitaphio”.

Aqui, quase se pode ver o sorriso irônico do narrador: já não é o “grande homem”, “o maior dos médicos do Brazil, de Portugal e das Hespanhas” como ele nos é apresentado exatamente no primeiro parágrafo; é o cadáver e não o homem, anônimo, sem data de nascimento ou morte, sem nada a deixar à posteridade ou nenhum elogio a se dizer dele, isto é, sem epitáfio. Além disso, sepultado dentro da Casa Verde, exatamente o local de exclusão, longe do público, invertendo totalmente a posição com aqueles que confinava e ali perdiam o nome próprio e as características que identificam e singularizam um cidadão da polis.

Em 1817, desapareceram os ossos, e segundo as mais prováveis induções, foram roubados e transportados para Santiago do Chile, cuja academia supõe que são os restos de um cozinheiro do ilustre Pizarro. Alas! Poor Iorick! – Sic transit gloria mundi.²

Com este final demolidor, que afinal Machado escolheu não publicar na coletânea que organizou para compor os *Papéis avulsos*, veja-se a que se reduz a glória alcançada pelo “grande médico”: seus ossos foram roubados e, não havendo epitáfio, ele, por assim dizer, não apenas morre, mas desaparece da face da terra, restando dele só o que contam os “cronistas”, isto é, o narrador. Difícil encontrar maior desprezo com que encerrar a carreira de alguém, porém ainda há mais: confundido com o cozinheiro de um, este sim “ilustre”, Pizarro. Mas quem seria Pizarro? Lembrando que Bacamarte significa uma antiga arma de cano curto, e que o personagem nos é apresentado, no início do conto, como filho da nobreza, estaria Machado referindo-se ao sanguinário colonizador Francisco Pizarro, o espanhol que dizimou a civilização inca? Provavelmente, mas este ponto, que restaria esclarecer, comporia uma interpretação sugestiva de que Machado encerra o conto mostrando ironicamente as “idéias fora de lugar”, a ciência de inspiração iluminista a serviço do poder da nobreza, em plena Monarquia.

Sobre alienistas e alienação

Muitos autores têm se dedicado a identificar fontes de interlocução da ficção machadiana e há estudos em andamento que podem vir a trazer nova luz sobre esse importante aspecto da análise. Para Barbieri (2001, p. 340), a guinada no percurso literário de Machado de Assis parece coincidir com o persistente interesse do autor pelas novidades trazidas ao domínio do conhecimento por estudiosos que, sondando os enigmas da alma humana, vinham-na constituindo como fronteira privilegiada de pesquisa e experimentação. Em sua visão, a convicção científica com que Simão Bacamarte faz a paródia da presunção psiquiátrica, vigente no tempo da elaboração do conto, é modelo emblemático da atitude do narrador machadiano diante da nova tendência.

Segundo Schwarz (1987, p. 167), a literatura machadiana tinha, entre outras fontes, sua inspiração na psicologia dos moralistas franceses do século XVII, voltada para a natureza humana dita geral, como também a recente curiosidade “clínica” pelo funcionamento psíquico e pelos seus aspectos inconscientes. Essas fontes asseguram as preocupações com o universalismo do escritor brasileiro.

2. Assim caminha a glória do mundo. Tradução livre.

No conto em questão, trata-se, portanto, de uma narrativa que se serve da história das idéias de loucura desde o século XVII e, trabalhamos aqui com essa posição vigente, entre os machadianos, que dão conta do fato decisivo de Machado ter concebido uma perspectiva radicalmente crítica com relação à ciência de seu tempo.

O estabelecimento do uso do termo que dá nome ao conto pode ser encontrado entre os historiadores da psiquiatria. Segundo Pessotti é Pierre Falret (1794-1870) o verdadeiro criador dos termos *alienado* e *alienista*, (Pessotti, 1996), embora antes dele Félix Plater (1536-1614), médico em Basileia, tentando estabelecer uma classificação das mais tarde chamadas “doenças mentais”, utilizasse o termo alienação mental (*Mentis alienatio*), e continuasse a afirmar a sua origem sobrenatural (Pessotti, 1994).

Como se sabe, o mito fundador da clínica psiquiátrica na França situa-se na esteira do movimento cultural iluminista e no gesto de Pinel libertando de seus grilhões os alienados do hospital de Bicêtre, em 1793, em plena Revolução Francesa (Beauchesne, 1989). Os historiadores da psiquiatria e da medicina costumam sustentar neste gesto de Pinel o símbolo de um duplo advento: o de um humanismo e o de uma ciência – a medicina – finalmente positiva. Mas, para Foucault (1984), os reformadores de antes de 1789 e a própria Revolução Francesa quiseram ao mesmo tempo suprimir o internamento como símbolo da antiga opressão e restringir, na medida do possível, a assistência hospitalar como sinal da existência de uma classe miserável. Em suas palavras:

Mas os loucos têm isto em particular: restituídos à liberdade, podem tornar-se perigosos para sua família e o grupo no qual se encontram. Daí a necessidade de contê-los e a sanção penal que se inflige aos que deixam errar “os loucos e os animais perigosos. É para resolver este problema que as antigas casas de internamento, sob a Revolução e o Império, foram paulatinamente reservadas aos loucos, mas desta vez *aos loucos apenas*. O que a filantropia da época liberou são então todos os outros, *exceto* os loucos; estes encontrar-se-ão no estado de serem os herdeiros naturais do internamento e como os titulares privilegiados das velhas medidas de exclusão. (Foucault, 1984, p. 81)

Nesse sentido, Foucault (1995) irá afirmar que os fatos foram diferentes do que sustentam os historiadores da psiquiatria: Pinel, na França, assim como Tuke, na Inglaterra, bem como seus contemporâneos e sucessores, não romperam com as antigas práticas de internamento, pelo contrário, eles as estreitaram em torno do louco. Num único e mesmo movimento, o asilo, nas mãos de Pinel, torna-se um instrumento de uniformização moral e de denúncia social (Ibid.). Para ele, a segregação que é praticada por Pinel é relativamente complexa: trata-se de operar sínteses morais, assegurar uma continuidade ética entre o mundo da loucura e o da razão, mas praticando uma segregação social que garanta à

moral burguesa uma universalidade de fato e que lhe permita impor-se como um direito a todas as formas de alienação.

Todo esse processo que resultará na formulação de um conceito de doença mental, pela Psiquiatria nascida no século XIX, deve ser entendido a partir de dois deslocamentos, que são descritos por Chaves (1988) como: um primeiro deslocamento, teórico, que diz respeito à passagem da concepção de loucura, entendida como “desrazão”, para uma outra concepção, a de alienação. O segundo deslocamento, o institucional, que se traduz por uma crítica ao enclausuramento clássico, seja ela interna (os outros detentos não querendo mais se misturar com os loucos), seja ela externa (a necessidade de mão-de-obra, do ponto de vista econômico, e a crítica dos reformadores, do ponto de vista social e político) e que acaba por constituir um espaço de reclusão específico para os loucos: o asilo.

No conto machadiano, portanto, estamos diante de ambos os deslocamentos que estarão se operando historicamente, por um lado a Casa Verde constituindo-se em sua dimensão institucional como um asilo, um lugar de exclusão e, por outro, essa exclusão se dando com base na sustentação da noção de alienação e na constituição desse novo personagem, o alienista, que se transforma na figura essencial do asilo.

Para um historiador da psiquiatria como Pessotti (1994), no trabalho nosográfico da psiquiatria, empreendido por Pinel e depois por Esquirol, que tornou o manicômio parte essencial do tratamento médico, pode-se observar a valorização da observação científica rigorosa como pré-requisito para uma intervenção cientificamente válida. Mas com Foucault é preciso admitir que não é no quadro de uma cientificidade que se deve entender esta extensão da medicina ao campo da loucura. Nessa direção, a ironia machadiana na composição do personagem do alienista pode ganhar todo seu sentido, mais próximo da concepção de Foucault do que da história da psiquiatria.

Nas palavras de Foucault:

Acredita-se que Tuke e Pinel abriram o asilo ao conhecimento médico. Não introduziram uma ciência, mas uma personagem, cujos poderes atribuíram a esse saber apenas um disfarce ou, no máximo, sua justificativa. Esses poderes, por natureza, são de ordem moral social; estão enraizados na menoridade do louco, na alienação de sua pessoa, e não de seu espírito. Se a personagem do médico pode delimitar a loucura, não é porque a conhece, é porque a domina; e aquilo que para o positivismo assumirá a figura da objetividade é apenas o outro lado, o nascimento desse domínio. (1995, p. 498)

Em primeiro lugar, como vimos, ao longo de todo o conto acompanhamos a criação da Casa Verde e o desenvolvimento dos “estudos” do alienista. Mas, e esse é o ponto fundamental, desde o início, o narrador estabelece que é a cura de si mesmo que o “nosso” médico buscava, quando descobre que a ele

“devemos” a total extinção da dinastia dos Bacamarte. Eis o narrador intervindo no conto despididamente para anunciar a dívida de Simão com seus ascendentes. É a esse personagem que assistimos estabelecer um progressivo domínio sobre os cidadãos da cidade e vizinhança, atribuindo-se, a si mesmo, um saber sobre a loucura. Um domínio que Machado descreve pelo avesso: se, no início da narrativa, o narrador intervém para cobrar dos vereadores de Itaguahy o “pecado” de não fazer caso dos dementes, cada louco furioso trancado em sua própria casa e “não curado, mas descurado”, ao tempo em que os mansos andavam à solta na rua, e mostrando que Bacamarte entendeu “reformatar tão ruim costume”, é ao final do conto que sua virulência retorna para mostrar a absoluta falta de saber e de domínio que o alienista tem de sua própria loucura.

Concluindo

Finalmente, partiremos de uma análise de Gledson (1986), que, sustentando a tese de que Machado desejava retratar a natureza e o desenvolvimento da sociedade em que vivia, busca dar conta de um outro conto de Machado, *Casa velha* que, para ele, é produto dos anos 1880, portanto, da fase da maturidade do escritor, tal como *O alienista*. Nesse período, Machado já teria descoberto que, para escrever sobre o universo da oligarquia, tinha de penetrar nele, de ser um “colaborador”, como o padre-narrador em *Casa velha*. Neste sentido, *Casa velha* estaria bem próximo de *Dom Casmurro*, no qual Machado penetra na mente de um membro pleno da oligarquia, que colabora para sua própria destruição e a de sua família.

Mas, na análise de Gledson (1986), o próprio Machado colaborou apenas para daí tirar sua vingança pessoal e secreta: se não era possível conceber uma trama fora do contexto do sistema patriarcal e oligárquico, seu trabalho serviria para demonstrar que as tramas concebidas dentro desse sistema acabam em incesto, em destruição, loucura, esterilidade e morte. Como se observa, todos presentes em *O alienista*, à exceção do incesto.

Este pode então ser um sentido para a história de Simão Bacamarte: com a esterilidade do casal, a melancolia da mulher, o marido tomado pela *mania de saber*, com a destruição desta família que, afinal se extingue com a morte de seu chefe, talvez Machado pretendesse mostrar o destino das elites brasileiras do século XIX.

Machado de Assis é um desses escritores a quem foi dado o talento de comunicar-se com seus semelhantes de modo que mais de uma centena de anos depois, a expressão de seu saber continua fazendo sentido para muitos. De fato,

assiste-se, nos últimos anos, ao crescimento de vivo interesse por sua obra que, ultrapassando esses mesmos limites, dirige-se a sua vida mesma. O que vamos apresentar aqui é algo dessa ordem.

Seguindo a análise de Adolfo Meyer, deve-se considerar que:

A transmutação de Luis Garcia em Brás Cubas, ou de Machadinho em Machado, serve de grave advertência a todos nós, ingênuos críticos, que adoecemos da febre cartesiana e tentamos, bem ou mal, acomodar a um engenhoso esquema lógico o espírito contraditório e espontâneo do Autor (...) Do ponto de vista qualitativo, admita-se a mudança radical, da noite para o dia. Creio que foi essa mudança, como problema psicológico, um dos grandes atrativos para a crítica machadiana. (2002, p. 20)

Como se vê, há um problema psicológico colocado pela mudança qualitativa na obra machadiana que se dá em torno da década de 1880 e tem intrigado os estudiosos. Neste sentido, nossa própria contribuição não tem a pretensão de ser conclusiva, porém oferece mais elementos para o debate. Metodologicamente, seguindo as análises freudianas que se debruçam sobre obras da cultura, como as literárias, não apenas podemos enveredar por ambas as estradas que levam da obra machadiana à sua biografia e vice-versa, como temos, em outro eixo, a literatura psicanalítica e psicopatológica posta a serviço dessa análise, e em um terceiro eixo, o recurso à clínica, de um lado e de outro do divã. Neste trabalho, explicitamos os dois primeiros, os últimos permanecerão apenas indicados.

Há duas referências de ordem biográfica que pretendemos apresentar para concluir provisoriamente este trabalho. Em primeiro lugar, o fato de que Machado não teve filhos, no longo casamento que manteve com sua amada Carolina. Além disso, a incursão na vida de Machado nos convida a reconhecer nele a melancolia que a si mesmo atribuía. Há mais de uma referência explícita que pode ser encontrada na correspondência que manteve a grande amizade com o escritor Magalhães de Azeredo, disponível no Arquivo do Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras.

Sobre a melancolia machadiana seria preciso um exame tão mais delicado quanto sistemático, que aqui não é intenção realizar, mas não escapou a um de seus biógrafos, Viana Filho (1989). Vejamos nas palavras de Machado:

Desculpe-me de falar tanto na idade, e alguma vez na morte. Cuido que há de ser assim com todos, ou então é do temperamento melancólico, apenas encoberto por um riso já cançado. Nas suas cartas encanta-me não só a afeição viva e constante e o tom de seriedade e paixão do artista que sempre lhes achei, mas ainda o viço da juventude, que é como um cordial para mim. A minha fortuna tem sido que me entendam as novas gerações. (Machado de Assis, 1900)

O saber de si mesmo, que Machado demonstra largamente nesse conjunto de cartas trocadas ao longo de mais de uma década e meia com seu jovem amigo, é extremamente significativo. Talvez não se pudesse esperar nada diferente desse escritor que é considerado por tantos um profundo conhecedor da alma humana. Se é fato histórico que Machado não leu Freud, como indicam os seus estudiosos (Freitas, 2001) e, de fato, em sua biblioteca minuciosamente investigada, (Jobim, 2001) jamais foi encontrada nenhuma obra que o desmentisse, resta que a ele, como a Freud, foi dado reconhecer a importância de voltar-se para encontrar suas próprias razões, antes de buscar alhures o que lá não está. Só por isso Machado poderá ter sido o narrador-demolidor que denuncia a *mania de saber* desse alienista dos trópicos, Simão Bacamarte. É porque Bacamarte fracassa onde Freud e Machado triunfaram que podemos nos deleitar com esse conto-teoria e dele extrair o metal precioso dessa psicopatologia que parece ser um modo de constituição típica da subjetividade moderna.

Referências

112

- A Estação: Jornal ilustrado para a família*. Rio de Janeiro: Typ. Lombaerts & comp., v. 10, 1882.
- ANDRADE, A. L. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis: passagens entre o livro e o jornal*. 1. ed. Chapecó: Grifos, 1999.
- BARBIERI, I. O lapso ou uma psicoterapia de humor. In: JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, Academia Brasileira de Letras, 2001.
- BEAUCHESNE, H. *História da psicopatologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BERLINCK, M. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- CHAVES, E. *Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1988.
- FISCHER, L. A. Contos de Machado: da ética a estética. In: SECCHIN, A.C. (Org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Folio, 1998.
- FOUCAULT, M. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- _____. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FREITAS, L.A.P. *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre a psicanálise e literatura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- GLEDSON, J. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- JOBIM, J.L. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks – Academia Brasileira de Letras, 2001.
- MACHADO de ASSIS, J.M. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. JACKSON IncC. 1951.
- _____. Carta para Magalhães de Azeredo. 5 nov. 1900.
- MEYER, A. De Machadinho a Brás Cubas. In: *Revista do livro da Fundação Biblioteca Nacional*, v. 14, n. 44, jan. 2002.

- NUNES, B. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993.
- PEREIRA, L. M. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.
- PESSOTTI, I. *A loucura e as épocas*. São Paulo: Ed. 34, 1994.
- _____. *O século dos manicômios*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- SCHWARZ, R. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VIANA FILHO, L. *A vida de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1989.

Resumos

La ironía, como figura de lo cómico que expresa oposición, esto es, posición contraria a lo sabido, o supuesto saber, puede ser todavía un camino real para el inconsciente, en ciertos casos, en la interpretación analítica de pacientes melancólicos, así como en narrativas de rara belleza en escritores creativos. La irónica composición del personaje central del "O alienista", en Machado de Assis, es tomada aquí como la expresión literaria de la manía de saber.

Palabras clave: Psicopatología fundamental, literatura, manía, ironía

Dans certains cas, l'ironie, figure du comique qui exprime l'opposition, c'est à dire une position contraire au su et au supposé savoir peut être une voie réelle pour atteindre l'inconscient dans l'interprétation analytique des patients mélancoliques où dans les récits d'écrivains créatifs. La composition ironique du personnage central de L'Aliéniste, de Machado de Assis, est prise ici comme l'expression littéraire de la manie de savoir.

Mots clés: Psychopathologie fondamentale, littérature, manie, ironie

Irony, as a comic figure that expresses opposition, that is, a position contrary to what is known, or supposed to be known, can be a royal road to the unconscious in certain cases, in the analytic interpretation of melancholic patients or in the creative narratives of writers. The ironic composition of the central character of The Alienist, by Machado de Assis, is taken here as a literary expression of the mania to know.

Key words: Fundamental psychopathology, literature, mania, irony

Versão inicial recebida em setembro de 2002

Versão revisada recebida em maio de 2003